



A EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE: DE TURMAS SEPARADAS - POR SEXO E POR ALTURA - A TURMAS MISTAS ¹

Lara Félix Jacoby, CEME/ESEFID-UFRGS, larafel@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar; Estudos de Gênero; Colégio Militar de Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

O Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) foi destinado somente ao público masculino até o ano de 1989.

O presente trabalho tem como objetivo conhecer a estruturação da Educação Física (EFI) do CMPA no que concerne à transição de turmas separadas por sexo e por altura para turmas mistas no 6^o e no 7^o anos do Ensino Fundamental (EF).

A EFI é uma das únicas disciplinas que coloca o corpo como objeto de estudo e intervenção. O corpo não é dado *a priori*, mas é uma construção que recebe marcas culturais, e sociais e isso também acontece no que diz respeito ao gênero que é “uma condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos”. (GOELLNER, 2012)

A coeducação é um modo de gerenciar as relações de gênero na escola mista, buscando questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino/masculino (AOUAD, 2006). O estudo se justifica por lançar luz a um tema que emerge das aulas de EFI e que precisa ser mais debatido, na busca por uma prática coeducativa.

METODOLOGIA

A história oral foi a base por meio de entrevistas semiestruturadas com três professores de EFI, além da observação participante de aulas do 6^o e do 7^o ano.

¹ O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



ANÁLISE E DISCUSSÃO

Logo após a chegada das alunas, as turmas eram separadas por sexo e a prática era diferenciada entre os mesmos (CARRA, 2014). Ao longo do tempo, adotou-se o critério de divisão por sexo e por altura, que se manteve somente para o 6º e para o 7º ano do EF. Essa foi uma escolha dos próprios professores/as na busca pela *homogeneidade* para *facilitar* o ensino da técnica esportiva em uma perspectiva de *performance*.

A legislação que rege a educação nacional bem como a documentação específica do SCMB, não traz como objetivo da escola formar atletas. Logo, não deveria ter a divisão de turmas baseadas na biologia. Também não há indícios deterministas quanto à separação por sexo e por altura em nenhum nível de ensino. Portanto, ficou decidido que as turmas de 6º e de 7º anos do EF seriam mistas a partir do ano letivo de 2018.

Goellner (2012) discute que a explicação da desigualdade entre homens e mulheres, no sentido de tornar essa desigualdade natural tem como justificativa a biologia. Os discursos que universalizam as categorias homem e mulher anulam as diferenças presentes dentro de cada categoria.

Anotações de diário de campo demonstram que o comportamento menos disposto à prática de esportes é mais comum entre as meninas, principalmente pela timidez e pelo medo da cobrança. Mas as meninas são preguiçosas? A diferença de oportunidade para as práticas seria o verdadeiro ponto a ser discutido, já que não há como gostar de algo a que não se teve acesso (ALTMANN, 2014).

Na nova organização percebeu-se que os meninos demonstram ter menos medo de exposição e de errar. As meninas aprendem não apenas a proteger os seus corpos, mas também a ocupar um “espaço corporal pessoal muito limitado”, desenvolvendo uma “timidez corporal”. (LOURO, 2001)

É fundamental que se criem estratégias metodológicas que garantam e estimulem um maior protagonismo de meninas dentro das aulas, não só de EFI. (ALTMANN, 2014)



Outro ponto importante no CMPA é o uniforme criado para as alunas, um calção largo por cima de uma bermuda de *lycra*. O intuito era deixar o corpo feminino “protegido” de desconfortos, olhares e constrangimentos. Interessa observar que não se discute a necessidade de educar o olhar masculino, mas de encobrir o corpo feminino (CARRA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos biologizantes ainda são presentes e têm força. Entretanto, existem muitos jovens que acreditam em vivências diferentes, em se permitir fugir dos estereótipos, bem como professores dispostos a repensar seus planejamentos. Apesar de ser uma época de incertezas e extremismos políticos, de intolerância e de tentativa de apagamento de quaisquer vozes dissonantes, a resistência e a busca pela coeducação existem.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Gênero e esporte na escola: reflexões a partir da declaração de Brighton sobre mulheres e esporte. **Rev. do Obs. Brasil da Igualdade de Gênero**. Ano IV, n. 6. Brasília, 2014
- AUAD, Daniela. A coeducação como política pública: a manutenção da escola mista com o advento da igualdade de gênero. **Cad Espaço Feminino**, v. 16, n. 19, jul./dez. 2006.
- CARRA, Patrícia. Baleiros e baleiras no velho casarão: co-educação ou escola mista no Colégio Militar de Porto Alegre? (RS - 1989 a 2013). POA, 2013
- GOELLNER, Silvana. Sobre os feminismos, o esporte e o potencial pedagógico dessa relação. **Labrys, Est. Feministas**. Julho/dezembro, 2012
- LOURO, Guacira. Corpo, escola e identidade. **Ed. e realidade**. 25(2): 59-76. Jul/dez 2001